
Identidade, cultura e regionalismo: um estudo de caso com o grupo de arte e cultura,
*Querência Açoriana*Álvaro Henicka de Paula¹alvaroneves210308@gmail.com

Universidade Federal de Santa Catarina

Resumo: Este artigo objetiva contribuir para os estudos históricos e antropológicos de conceitos como "identidade", "cultura" e "regionalismo", especificamente sobre a cultura regional dos grupos gaúchos, ampliando os estudos para o estado de Santa Catarina. Traz uma sucinta abordagem conceitual da categoria, "identidades culturais", relacionando isso com "gauchismo", trechos centrais de uma entrevista com o grupo de arte e cultura, "Querência Açoriana", onde os argumentos dos autores da área podem lançar luz e nos ajudar a entender como e por que as categorias, "cultura" e "identidade", estão presentes no discurso dos entrevistados, considerações sobre o assunto e a bibliografia referenciada.

Palavras-chave: Identidade; Cultura; Regionalismo; Querência Açoriana.

Abstract: This article aims to contribute to the historical and anthropological studies of concepts such as "identity", "culture" and "regionalism", specifically about the regional culture of the gauchos groups, expanding the studies to the state of Santa Catarina. It brings a short conceptual approach of the category, "cultural identities", relating this with "gauchismo", central excerpts from an interview with group of art and culture, "Querência Açoriana", where the arguments of the authors of the area can shed light and help us understand how and why the categories, "culture" and "identity", are present in the discourse of interviewees. Finally, a conclusion on the matter and the referenced bibliography.

Keywords: Identity; Culture; Regionalism; Querência Açoriana.

As relações que os homens fazem com suas memórias passadas no seu tempo presente é alvo de vários interesses nas mais diversas áreas de estudos humanos, mas não é tarefa fácil para quem tenta entender essas relações. Lembrar, resgatar, "trazer a tona", coisas do passado e relacioná-las com o presente regional em que as pessoas vivem, nunca serão atividades inocentes, ingênuas ou de fácil análise. Pois nem as histórias de vida e nem as memórias dessas histórias de vida são estritamente objetivas e diretas, sem falar no fato que existem memórias de dez minutos atrás, de dez dias atrás, de dez semanas atrás, de dez anos atrás e assim, sucessivamente retrocedendo.

As pessoas fazem seleções inconscientes e / ou conscientes do que vão falar, do que vão resgatar, "usar verbalmente", mencionar, apagar de suas mentes, pelos mais diversos motivos. Interpretam suas vidas, de forma vaga ou constante, de maneiras normatizadas ou

¹ Álvaro Henicka de Paula é graduando do curso de História (Bacharelado e Licenciatura) pela Universidade Federal de Santa Catarina e possui interesse em temáticas como identidade, cultura, regionalismo e memória.



“livres” e ainda, distorcem alguns fatos passados ou presentes, pelos mais variados motivos pessoais, (o que a Psicologia tanto estuda). Além disso, os seres humanos são seres sociais, convivendo (salvo, raríssimas exceções) em grupos (econômicos, culturais, sociais e psicológicos) e isso é mais um fator na hora de estruturar a memória social individual e coletiva, na hora de selecionar e relacionar aspectos do tempo presente com aspectos do tempo passado, “esse” ou “aquele” fato. Portanto aqui estamos falando de relações humanas com a memória, com o tempo, com as escolhas conscientes e inconscientes, com as histórias de vida regionais, com os significados dados, com as culturas nas quais os seres humanos estão inseridos.

Neste trabalho, trago por escrito, o que procurei perceber na prática. Como um determinado grupo de indivíduos ao ser entrevistado, sobre sua produção artística, recorreu e consideravelmente estruturou suas explicações, valendo-se de respostas como “cultura” e “regionalismo”. É fundamental, para quem estiver lendo, que se fique claro, que durante a entrevista e depois ao transcrevê-la, percebi que aqueles que dela participaram, procuraram explicar e fundamentar os “porquês” de suas respostas, com base em um passado regional bem localizado que parece constantemente legitimar suas ações presentes, (suas manifestações regionais artísticas atuais, a dança e a música) e que quando executadas em união, “parecem estar de acordo” com essa memória, nostálgica, bela, valorizada, romantizada, a qual vale destacar, eles procuram explicar com muita firmeza. Na entrevista é possível inferir inclusive, que essa memória é guardada com carinho, com zelo, num “lugar especial” de suas mentes.

Tive como fonte histórica primária estrutural para análise e estudo, a referida entrevista de campo, cedida gentilmente para mim pelos integrantes do grupo de arte e cultura Querência Açoriana e como fontes secundárias, artigos, teses e trabalhos da área histórica e antropológica, que num verdadeiro esforço intelectual também procuraram entender o mesmo tema (cultura, identidade e regionalismo). A estruturação do presente artigo está da seguinte maneira: Na parte 1, uma sucinta abordagem conceitual do que é a categoria, “identidades culturais”, relacionando essa com “gauchismo”. Na parte 2, trechos que julgo principais da entrevista transcrita, onde os argumentos de autores da área podem nos ajudar a entender como e por que as categorias, “identidade” e “cultura”, estão presentes no discurso dos entrevistados.



Identidades culturais e gauchismo

*Eu sou gaúcho meu coração também é. Tenho coragem se preciso eu trance
o pé. Trago o Rio Grande fervendo no sangue, xucrismo que se expande,
como Deus quiser*²

Grupos envolvidos em movimentos sociais contemporâneos, possuindo títulos que lhes identificam (portanto os diferenciam de outros), partem justamente de questões identitárias para se afirmarem perante a sociedade em que vivem, perante os “outros” e principalmente no que diz respeito, às formas como articulam, constroem e enxergam as suas singularidades culturais. É o caso do grupo dos tradicionalistas gaúchos que pautado e ancorado em discursos muito bem articulados, fundamenta suas práticas e ações, (suas identidades culturais) e traz a tona os mais diversos fenômenos, entre eles o regionalismo³. Justamente as questões e problemas levantados em torno das identidades culturais coletivas têm levantado o interesse de historiadores e antropólogos que procuram entender, como ocorre o processo de transformação e manutenção de identidades culturais, como pessoas se agrupam em torno de símbolos, motivos, intenções e movimentos que as “tornam” como “iguais” e as aglutinam em torno umas das outras. Aqui, identidade e cultura são dois conceitos chave, para se entender fenômenos sociais do tempo atual, entre eles o regionalismo.

2 Refrão de uma canção (ritmo “chote”) chamada “Coração gaúcho”, que o grupo de arte e cultura Querência Açoriana utiliza para coreografar uma de suas tradicionais danças gaúchas, intitulada “Chote de duas damas”, onde um peão dança com uma prenda em cada lado. No momento do refrão, o entusiasmo nas apresentações é nítido, bem como a comunhão em torno do tema denota um claro bairrismo. A canção do cantor regionalista gaúcho Pedro Neves, consta no repertório do sétimo CD do artista, lançado em 2008 pela gravadora Vertical (Caxias do Sul, RS). Os dados podem ser conferidos em, www.gravadoravertical.com.br/produtosDetalhe.aspx?produto=255. (Acesso em: 17/10/2016 às 16h25min).

3 Tendência para defender e valorizar os interesses específicos da região em que se vive. Vocábulo ou expressão regional, provincianismo. Regional + ismo. www.infopedia.pt/dicionarios/linguaportuguesa/regionalismo (Acesso em: 17/10/2016, às 14h29min). Ainda, segundo o site, www.cafecomsociologia.com/2009/08/conceito-de-regionalismo.html (Acesso em: 17/10/2016 às 14h50min), o conceito de regionalismo se apresenta como uma manifestação ideológica, marcada por uma identidade social imposta. Como força política, apresenta a possibilidade de mobilizar a sociedade em torno de um dado interesse ou de um projeto identitário da região. O regionalismo manifesta-se pôr porta-vozes, as lideranças regionais, que são legitimadas a falar em nome do grupo. Bourdieu se refere ao regionalismo como uma manifestação étnico-cultural, mas é possível analisá-la com uma óptica política, de um jogo de dominação. A identidade “consensual” podendo ser interpretada como uma afirmação das relações de poder, sendo ela a manifestação de uma visão da classe hegemônica. O regionalismo é uma expressão da luta de classe dentro do território, representando as manifestações hegemônicas ideológicas. O fenômeno do regionalismo possibilita uma abordagem dos elos entre os processos e relações internos à região e os externos a ela. A noção de região é bem delimitada pelo regionalismo, portanto, podemos afirmar que o regionalismo proporciona a legitimidade de uma região.



“Sentimento de pertencimento”⁴. “Entende-se por identidade a fonte de significado e experiência de um povo”⁵. Em outras palavras, a identidade cultural, poderia ser pensada como um palanque⁶ onde os grupos se “agarram” para se autoafirmarem, para tratarem de suas experiências, dando significados às suas vivências, individuais e coletivas, de pertencimento. Peter Burke também traz à tona a discussão referente ao interesse dos historiadores culturais, que refletem sobre as identidades culturais de determinados grupos, onde se incluem o multiculturalismo, que justamente instiga e levanta questões sobre os passados desses grupos:

No caso dos grupos confrontados com outras culturas, ocorrem duas reações opostas. Uma seria negar ou ignorar a distância cultural, assimilar os outros a nós mesmos ou a nossos vizinhos pelo uso de analogia, seja esse artifício empregado consciente ou inconscientemente. O outro é visto como o reflexo do eu [...] A segunda reação comum é o reverso da primeira. É a construção consciente ou inconsciente da outra cultura como oposta a nossa própria...⁷

Fica claro que a identidade é um sistema que comporta representações e justamente essas representações permitem a construção do “eu”. Permite que os indivíduos se tornem diferentes dos “outros” e semelhantes (próximos) aqueles que se identificam como iguais, ou seja, a identidade cultural nesse viés pode ser elucidada como o partilhar de um mesmo sentimento de pertencimento, de um mesmo “cerne” entre diferentes indivíduos. Vale também salientar que esse sistema no qual as identidades culturais estão inseridas, traz representações do passado, se articulando com as condutas no tempo presente e influenciando expectativas sobre decisões futuras. É o sentimento de pertencer a algo, de nascer em algo e absorvê-lo ao longo da existência. Hall define que: “uma cultura nacional é um discurso, um modo de construir sentidos que influencia e organiza tanto nossas ações, quanto a concepção que temos de nós mesmos”⁸.

Sem a menor dúvida, o excerto acima de Hall, pode também ser levado em consideração, para se estudar as culturas regionais, haja vista, a amálgama de culturas que formam o Brasil, entre elas a cultura tradicionalista gaúcha.

4 OLIVEIRA, Pérsio Santos. Introdução à sociologia. São Paulo: Ática, 2004. p.139.

5 CASTELLS, Manuel. O poder da identidade. São Paulo: Paz e Terra, 1999. p.22.

6 Tronco ou esteio grosso, ao qual se prende o cavalo para domar ou tratar. Sentido muito utilizado no sul do Brasil. www.dicio.com.br/palanque/ (acessado dia 17/10/2016 às 15h00min).

7 BURKE, Peter. Testemunha ocular: história e imagem. Estereótipos do outro. (Capítulo 7). Tradução, Vera Maria Xavier dos Santos: revisão técnica Daniel Aarão Reis Filho – Bauru, SP: EDUSC, 2004. Pág. 153.

8 HALL, Stuart. A identidade cultural na pós-modernidade. Rio de Janeiro: DP&A, 1999.



É por todos sabido que existe um estereótipo sobre o Rio Grande do Sul, sobre os gaúchos e sobre a região sulina como um todo e que se traduz em imagens mentais e objetais, em personagens-símbolos, em ritos, crenças, valores, práticas sociais e manifestações artísticas. Essa leitura do real – das condições históricas objetivas pretensamente vivenciadas pelos habitantes do Rio Grande do Sul – é relativamente consensual e encontra-se socializada no Estado. [...] Esse é por assim dizer, um processo constituído historicamente: o da elaboração, em cada sociedade, de um sistema de ideias-imagens de representação coletiva. A isso dá-se o nome de imaginário social, através do qual as sociedades definem a sua identidade e atribuem sentido e significado às práticas sociais⁹.

Conectando com o trecho acima, o Rio Grande do Sul é um dos estados brasileiros, que possui uma cultura¹⁰ que se destaca por ser extremamente regionalista e fortemente defendida, inserida e atualizada com as mídias sociais, preservada através de institutos e associações como CTGs (Centros de Tradições Gaúchas), da literatura (O tempo e o vento, de Érico Veríssimo, A casa das sete mulheres ou o Gaúcho de José de Alencar), da música (a discografia gaúcha é imensa e está dividida entre tradicional, nativista e “tchê music”) e de várias manifestações artísticas (danças tradicionais coreografadas, “resgatadas” por Paixão Cortes e Barbosa Lessa). Possivelmente, caso se fizesse uma enquete livre e inesperada na rua, para qualquer pessoa, seja em que estado for, ao se perguntar quem é o “gaúcho”, a pessoa responderá com base na imagem cultural que foi construída ideológica e politicamente, no decorrer do século XX. O homem do pampa, com chapéu, com bombacha, tocando gaita e violão, com botas com esporas, guaiaca, lenço vermelho, nos bailes dos CTGs com prendas tomando chimarrão e usando vestidos de seda, etc. Essa imagem corroborada também pela grande mídia, mostra que a cultura dos tradicionalistas gaúchos, porém, não é estanque somente às fronteiras geopolíticas do Rio Grande do Sul, haja vista o número de CTGs que se espalharam, por Santa Catarina, Paraná, São Paulo e mesmo fora do país, durante o século XX.

9 PESAVENTO, Sandra Jatahy. A invenção da sociedade gaúcha. Ensaio EEE, Porto Alegre, (14)2 383-396, 1993.

10 Quando uso o termo “uma cultura”, refiro-me a cultura estadual que mais aparece nas mídias televisivas, jornalísticas e virtuais. Porém, não resta a menor dúvida que no RS existem outras culturas em constantes embates, reatualizações como a africana, a indígena, a alemã, a italiana, etc. Pode-se inclusive afirmar que muito da cultura gaúcha, “propriamente dita”, sofreu influências de outras, porém o objetivo do artigo não é esmiuçar isso, porém sem dúvida, trata-se de um assunto extremamente rico.



No litoral de Santa Catarina, por exemplo, há um grupo tradicionalista gaúcho, chamado “Querência Açoriana”¹¹, que se propõe a divulgar artisticamente a cultura gaúcha, através de dança e música tradicional deste movimento. Grupo este, que no segundo semestre de 2016, cedeu-me uma entrevista, sobre seu trabalho artístico, onde, posteriormente, eu busquei compreender o porque as categorias, “cultura” e “identidade”, apareceram no discurso dos participantes.

Grupo *Querência Açoriana*: identidade e cultura gaúcha em Santa Catarina

O grupo foi criado em novembro de 2013, constituído principalmente por catarinenses que moram na região do litoral (Florianópolis, Palhoça, São José, Santo Amaro da Imperatriz, etc.). Participam de festivais e rodeios artísticos no estado de SC e RS, organizados pelo MTG (Movimento Tradicionalista Gaúcho). Ensaiam todas as semanas em local cedido pela prefeitura de São José, onde a maioria reside atualmente. Possuem um instrutor coreógrafo que repassa os movimentos corporais femininos e masculinos, referentes a cada dança, segundo ele, resgatados por pesquisas orais do folclorista Paixão Cortes, durante a segunda metade do século XX, no interior do RS¹².

Uma das perguntas centrais do roteiro era, “O que é ser gaúcho”? Essa pergunta tinha o intuito de me levar a compreender a noção simbólica e cultural que eles têm acerca desse termo, bem como esse influencia em suas convivências como membros de um mesmo grupo, em suas manifestações artísticas e como que os fazem se portarem desse ou daquele modo, enquanto indivíduos sociais. Segundo, respectivamente, Anderson Pereira da Silva e Fernando Evangelista Vargas:

11 O grupo possui este nome, pois segundo os entrevistados, dançam tanto músicas tradicionalistas gaúchas, como músicas tradicionais do arquipélago de Açores, que chegaram até o Brasil, com a vinda dos açorianos que aportaram no litoral de Santa Catarina e posteriormente Rio Grande do Sul e que muito influenciaram a cultura sulista. Músicas como “Chimarrita”, “Caranguejo”, “Cana verde”, “Jardineira”, ressignificadas na segunda metade do século XX, por Paixão Cortes, são o exemplo disso. Os irmãos Nunes, no Dicionário de Regionalismos do Rio Grande do Sul (Martins Livreiro – Editor. 1982), trazem a palavra “Querência” como, “lugar onde alguém nasceu, se criou ou se acostumou a viver a ao qual procura voltar quando dele afastado. Pátria, pagos, torrão, rincão, lar.

12 Como não é possível mostrar toda a entrevista num sucinto artigo acadêmico, selecionei alguns trechos que contenham pontos importantes e centrais, que ajudarão o leitor a entender o trabalho que fora realizado por mim. De qualquer forma, ao se ler a entrevista inteira, fica ampliada a possibilidade de estudos, no que se refere a temas como regionalismo, identidade cultural, memória, mentalidades, tradição, representações, etc, bem como constam os nomes de todos os entrevistados que participaram, o local da entrevista e todas as outras referências necessárias.



[...]gaúcho é um estado de alma e espírito. De cultura e de tradição. Mais que isso, é uma arte essa cultura. Mas, sobretudo é um estado de alma e de espírito. O gaúcho que nós cultivamos, é um gaúcho da lide campeira, vem lá de antes, dos tempos de antigamente, veio do Uruguai, nas épocas antigas do Rio Grande do Sul, vem do el gaúcho, vem passando desde o começo do século, principalmente do homem do campo, do homem rural¹³.

Eu vejo que gaúcho, ser gaúcho hoje, né, no meio... Meio urbano... Na verdade é... Realmente é... É manter viva a tradição dos antepassados, como o Anderson falou, é... Moravam no campo, então, hoje quando se escuta gente fazendo músicas dizendo que continua ou que mudou e que não tá mais no galpão, tá no apartamento, mas segue tocando suas milongas né. Então eu vejo que esse gaúcho hoje ainda é manter não só na parte da arte, mas na parte artística, na parte campeira e também a culinária, que é muito importante... A forma de trabalho, os serviços que eram feitos naquele tempo, né... Tanto a parte... Muito se fazia cerca, muito se carneava, muito se... A tendência hoje é manter viva a tradição, embora muita gente ficou restrita a parte campeira, como o laço e gineteada e na artística com só com a dança, a declamação, etc. mas tem muita coisa... Muita coisa de artesanato, que as mulheres faziam de artesanato, crochê, tricô, aqui na região, renda... Artesanato em couro cru, né... Então tinha muita... Da arte vinha além, só da dança e declamação e etc. Então ser gaúcho hoje é relembrar tudo isso que se fazia, mas só que se não vivendo no campo, fazendo isso”¹⁴.

Sandra Pesavento, em seus estudos sobre a sociedade gaúcha, nos mostra que as representações que as pessoas fazem do mundo social, ou as traduções imaginárias da sociedade, são partes constituintes do real, não havendo uma oposição ferrenha entre as condições concretas da existência e as representações coletivas dessa mesma existência. Podese pensar, portanto, que a história sobre os imaginários se constrói entre a realidade social e os sistemas de representações que as pessoas atribuem a esta realidade. Conforme ela: “Tanto o imaginário se constitui, em parte, da dependência do concreto e do racional, quanto discursos e imagem são por sua vez, geradores de práticas sociais”¹⁵.

Essa argumentação é válida para entender os discursos acima dos entrevistados, principalmente quando estes buscam num passado, (que nem mesmo eles localizam bem e cronologicamente onde), a legitimação das suas práticas sociais atuais. Num outro momento da entrevista, os participantes foram questionados sobre qual a imagem de gaúcho que eles julgavam passar através de suas manifestações artísticas (dança e música). Os trechos

13 SILVA, Anderson Pereira da. PAULA, Álvaro Henicka de. Entrevista transcrita (Grupo de Arte e Cultura Querência Açoriana). Laboratório de História Oral. UFSC. 2016. pp 3 e 4.

14 VARGAS, Fernando Evangelista. PAULA, Álvaro Henicka de. Entrevista transcrita (Grupo de Arte e Cultura Querência Açoriana). Laboratório de História Oral. UFSC. 2016. pp 4.

15 PESAVENTO, Sandra Jatahy. A invenção da sociedade gaúcha. Ensaios. EEE, Porto Alegre, (14)2 383-396. 1993.



selecionados abaixo, falas respectivamente de Cristina Rodrigues e Adriano Matos, respectivamente, auxiliam a perceber esta questão:

Quando perguntas da imagem do gaúcho, um gaúcho de chapéu, uma imagem né, estereotipada, que a gente sabe todo mundo que é do Norte faz daqui. Então respondendo a questão da arte né, como o Anderson falou de como era importante a dança, então eu penso que cultura ela é reprodução de algo que a gente não viveu né, que os nossos antepassados viveram, é uma outra história, mas ela não é só reprodução, é a gente se apropriar dela, pra ter, pra sentir esse significado e é isso que a gente faz também. É nos detalhes, então a gente representar essa imaginação, há o contexto atual que influencia. A cultura é isso né, é representação, é recriação¹⁶.

[...] e o nosso grupo, ele também tem uma... Ele também passa a imagem do tradicionalismo atravessando as fronteiras. Não só... O tradicionalismo ele não é só no Rio Grande no Sul. E o próprio nosso, né... O nome do nosso grupo, ele representa isso, somos aqui do litoral catarinense, a nossa história, a nossa descendência açoriana e hoje o grupo é o Querência Açoriana, ultrapassando essa fronteira do Estado do Rio Grande do Sul, trazendo a tradição e representando então, aqui na nossa região¹⁷.

Os trechos acima, mais uma vez, podem ser interpretados a luz do trabalho de Pesavento: “A definição de uma identidade própria forma, por assim dizer, uma base de coesão social, uma corrente de identificações e significados de compreensão mútua”¹⁸. Não resta dúvida de que há presente, na maioria das etnias regionais brasileiras ou vindas para o Brasil, (açorianos, teutos, italianos, eslavos, libaneses, angolanos, etc.) uma busca por entender seu passado, indagar sobre “suas origens”. Interessante perceber, que a entrevistada Cristina, reconhece que o grupo representa artisticamente nos palcos, através da dança e da música, a imaginação coletiva (regional e nacional) que se faz acerca do gaúcho e que o contexto social atual, influencia na forma como o grupo se apropria disso, para dar continuidade a essa recriação (artística). Inclusive quando ela se refere à, “uma imagem né, estereotipada, que a gente sabe todo mundo que é do Norte faz daqui”, está querendo se referir aos “outros” (não necessariamente somente à região norte do país), aqueles que são diferentes de “nós” (os gaúchos).

Num país cuja autointerpretação hegemônica, de origem carioca, tende à galhofa, à nonchalance, ao improvisado e até ao mau-caratismo, esse gaúcho

16 RODRIGUES, Cristina. PAULA, Álvaro Henicka de. Entrevista transcrita (Grupo de Arte e Cultura Querência Açoriana). Laboratório de História Oral. UFSC. 2016. pp 6.

17 MATOS, Adriano. Ibidem 16.

18 PESAVENTO, Sandra Jatahy. A invenção da sociedade gaúcha. Ensaios. EEE, Porto Alegre, (14)2 383-396. 1993.



vira alvo fácil de piada. Mas há o reverso disso: tenho muitos casos de valorização, de posituação desse levar-se a sério do gaúcho. Ainda há pouco, um conhecido meu, de longa trajetória no comércio, me disse que até isso hoje está mudado, mas que até há pouco ele ia negociar em São Paulo e era recebido de modo favorável, porque, sendo gaúcho, era confiável¹⁹.

Quanto à segunda resposta, também é rica para vários estudos, pois ao destacar que por mais que seja do litoral catarinense, (segundo ele, descendentes de açorianos), o membro do grupo reconhece que a cultura gaúcha, não ficou estanque somente as fronteiras²⁰ do estado, ultrapassando o contexto político e geográfico e havendo identificação com personagens sociais, de outros estados.

Os Centros de Tradições Gaúchas são por excelência, os locais onde a cultura gaúcha, encontra e reúne mais adeptos e onde artisticamente essas manifestações aparecem em maior destaque, na música, na dança, nas declamações, na literatura, na poesia, etc. Se constituindo essas manifestações, como representações regionais daquilo que os tradicionalistas chamam de “autêntica vida gaúcha”. Neste sentido, a fala de mais um entrevistado, quando questionado sobre “Como os CTGs, auxiliam e prejudicam o trabalho artístico do grupo”, me parece central para entender como se dá esse entendimento, sendo que a pergunta pretendia elucidar, quais as representações que os entrevistados fazem dos CTGs, o lugar essencial para a manifestação dos seus trabalhos artísticos. Conforme, Fernando Evangelista Vargas:

[...] pra complementar, eu vejo que os centros de tradição gaúcha hoje... Como um centro... Né, de tradições... Ele também deveria estar aberto para reensinar, retransmitir esta tradição. Então, eu penso que o CTG seria uma imitação de uma grande fazenda. É um local que hoje... Que deveria mostrar como deveria ser uma grande estância... Quando se fazia festa, quando se trabalhava, quando se almoçava, quando se bebia, então... Um CTG pra mim é a representação pra mim de uma grande fazenda. Como era, antigamente. Então hoje, como não temos isso, como ensinar pras crianças, os CTGs seriam o lugar ideal pra mostrar, olha fazia assim. Né, aulas práticas, que se pode fazer e a parte teórica pra quem interessar... Né, bibliotecas, alguns

19 FISCHER, Luís Augusto. Bravata é a mais legítima expressão do gaúcho. RIHU. nº 493, Ano XVI, 19/09/2016. p. 22-25.

20 Vale, mesmo que resumidamente ressaltar, que no caso da formação histórica, geográfica e política do Rio Grande do Sul, a delimitação das fronteiras, em muito se deu em combates, escaramuças, “peleias” com vizinhos castelhanos como os Uruguaios. Muito mais do que um ato jurídico, uma divisão política administrativa do Brasil Império, a fronteira Sul Rio Grandense, se constituiu como um produto histórico, resultante das forças em embate e muito influenciando na imagem regionalista que é construída do gaúcho, como “centauro dos pampas”, homem de lança na mão, que protege “seus pagos” do invasor estrangeiro.



têm. Então isso deveria ser mais disseminado, como um lugar de aprendizado também, pra recuperar essa tradição perdida²¹.

O trecho acima é interessantíssimo para percebermos como se dá essa representação do que seria um CTG para um tradicionalista gaúcho que manifesta artisticamente sua música e dança tradicional e através da união destas artes, encontra espaço para declarar e defender seu regionalismo. O especialista em Literatura, Luís Augusto Fischer, explana sobre esse mesmo pensamento do regionalismo gaúcho quando diz que:

Primeiro, me ocorre que alguma forma de tradicionalismo seria fatal existir, porque depois da Segunda Guerra, houve uma diretriz forte no sentido de estimular os governos, as secretarias de educação e cultura, etc. a preservarem o que então se chamava de folclore, termo amplamente controverso, como se sabe. Comissões de Folclore foram criadas em todo o Brasil e em muitas partes do Ocidente. Segundo, sociedades de origem rural tendem a preservar laços sociais e culturais estáveis, bem ao contrário do mundo urbano, que tende a privilegiar a novidade, a mudança – e só por isso teríamos no Rio Grande do Sul muito carvão para a fogueira do tradicionalismo, tanto pelo lado da estância tradicional, quanto, sem surpresa, pelo lado da pequena propriedade colonial imigrante, também tendente a forte tradicionalismo. Essas duas formações históricas cantam o passado, choram a saudade da terra natal, gostam da estabilidade, e por aí não admira que haja tanto CTG, que simboliza direta e primeiramente a estância, em terras que se povoaram por europeus camponeses, no século 19²².

Considerações

Os CTGs, cenário onde se articulam os grupos de defensores da tradição regionalista gaúcha é controverso, palco de debates e discussões. Independente disso, fica claro como as pessoas que se reúnem ao redor das chamadas “tradições gaúchas”, possuem um sentimento de identidade cultural que as afeta direta e indiretamente, fazendo com que essas mesmas pessoas se reconheçam através dos símbolos que estruturam essa cultura e que as identificam, como “iguais”. A música e a dança, como dois desses símbolos, por excelência servem como porta vozes, melódicos, literais e corporais que levam cada vez mais, a “rincões distantes” a ideologia da cultura regionalista gaúcha, buscando e atraindo novos adeptos, não sendo

21 VARGAS, Fernando Evangelista. PAULA, Álvaro Henicka de. Entrevista transcrita (Grupo de Arte e Cultura Querência Açoriana). Laboratório de História Oral. UFSC. 2016. pp 19.

22 FISCHER, Luís Augusto. Bravata é a mais legítima expressão do gaúcho. RIHU. nº 493, Ano XVI, 19/09/2016. p. 22-25.



poucos os que se identificam pelos mais variados motivos, com esta, como no caso do grupo de arte e cultura Querência Açoriana do litoral de Santa Catarina (São José). Não se trata de novidade, uma vez que desde o bojo da então recente República, buscou-se por uma “cultura nacional” e por mais que se tenham implantados projetos nacionais para se dizer e se defender qual seria “a cultura brasileira”, os estudos antropológicos e históricos, vieram justamente a contra pelo desse gerir político, demonstrando que na verdade o país é uma amálgama de várias culturas, exógenas e endógenas, que pacífica ou violentamente, se aglutinaram, se infiltraram emprestaram matizes umas para as outras, constituindo o Brasil como diria Ary Barroso, numa “Aquarela”²³.

A cultura do Sul do Brasil, mais propriamente dita, a cultura do Rio Grande do Sul, não fugiu desse tear de influências, haja vista que se mesclou com a cultura dos vizinhos fronteiriços, Uruguai e Argentina, resgatou temáticas musicais dos Açorianos, Italianos, Alemães e em muito se apropriou de símbolos culturais afrodescendentes e indígenas. A cultura da dança do sapateado nos CTGs, do churrasco no espeto de madeira, do chimarrão, do “cantar chorado” da milonga ao violão e ao acordeom, do bailar das prendas com os peões, se constitui como uma das várias culturas que constituem o país, que serve como identidade regionalista para tantos membros sentirem-se pertencentes à “algo”, serve como escolha política para os mais variados fins, (entre eles o turismo) e abre espaço para um leque amplo de discussões na área da História e da Antropologia, principalmente no que toca sobre identidade, regionalismo, tradição e memória.

Referências

- BARROS, José D’Assunção. Imaginário, Mentalidades e Psico-História - *uma discussão historiográfica*. Revista Eletrônica do Centro de Estudos do Imaginário. Labirinto. UFR.
- BARROS, José D’Assunção. O campo da História: *especialidades e abordagens*. Petrópolis, Rio de Janeiro: Editora Vozes. 2004.
- BURKE, Peter. Testemunha ocular: história e imagem. Estereótipos do outro. (Capítulo 7). Tradução, Vera Maria Xavier dos Santos: revisão técnica Daniel Aarão Reis Filho – Bauru, SP: EDUSC, 2004.

23 "Aquarela do Brasil" é uma das mais populares canções brasileiras de todos os tempos, escrita pelo compositor mineiro Ary Barroso em 1939. O samba foi gravado a primeira vez por seu parceiro Francisco Alves e depois por diversos artistas que vão de Carmen Miranda a Frank Sinatra, passando por Caetano Veloso, Erasmo Carlos e Elis Regina. Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Aquarela_do_Brasil (Acessado dia 09.12.2016 as 15h37min).



CAMPOS, Carlos Eduardo da Costa. As reflexões sobre o Imaginário Social. Disponível em: www.historiaehistoria.com.br/materia.cfm?tb=alunos&id=355 . Acessado dia 29/09/2016.

CECHIN, Antônio. Tradicionalismo e ditadura são irmãos siameses. RIHU. nº 493, Ano XVI, 19/09/2016. p. 52-58.

ESPIG, Janete Márcia. O conceito de imaginário: *reflexões acerca de sua utilização pela História*. Textura. Canoas. nº 9. nov. 2003 a junh. 2004. p. 49-56.

FANTINATI, Carlos Erivany. Sobre o discurso político. Alfa. São Paulo, 34: 1-10, 1990.

FISCHER, Luís Augusto. Bravata é a mais legítima expressão do gaúcho. RIHU. nº 493, Ano XVI, 19/09/2016. p. 22-25.

GEERTZ, C. 1998. A arte como um (sic) Sistema Cultural, in: O Saber Local: Novos Ensaios em Antropologia Interpretativa, Petrópolis: Vozes, pp. 142-181.

HALL, Stuart. A Identidade cultural na pós-modernidade. Rio de Janeiro: DP&A, 1999.

HOBBSAWM, Eric. RANGER, Terence. A invenção das tradições. - Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984. p. 9-23. (introdução).

KUPER, Adam. Cultura: a visão dos antropólogos. Tradução Mirtes Frange de Oliveira Pinheiros - Bauru, SP: EDUSC, 2002.

MACIEL, Maria Eunice. Gauchismo busca integrar diferentes grupos, e não representar a diversidade. RIHU. nº 493, Ano XVI, 19/09/2016. p. 42-46.

MAESTRI, Mário. Cavocar a memória para juntar os cacos do gauchismo. RIHU. nº 493, Ano XVI, 19/09/2016. p. 36-41.

MAUAD, Ana Maria. Através da imagem: *Fotografia e História Interfaces*. Tempo, Rio de Janeiro, vol. 1, nº 2, 1966, p. 73-98.

MENDES, Moisés. A caricatural identidade gaúcha. RIHU. nº 493, Ano XVI, 19/09/2016. p. 59-61.

NEDEL, Leticia Borges. É preciso interrogar o pragmatismo político e a eficácia simbólica do tradicionalismo. RIHU. nº 493, Ano XVI, 19/09/2016. p. 47-51.

NEVES, Pedro, PRETTO, João Alberto. Coração Gaúcho. In: NEVES, Pedro. *Campeiro para sempre*. Rio Grande do Sul. Gravadora Vertical. RS.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. O trabalho do antropólogo: olhar, ouvir, escrever. In: O trabalho do antropólogo. São Paulo. UNESP, 1998.

PAULA, Álvaro Henicka de. Entrevista transcrita (Grupo de Arte e Cultura Querência Açoriana). Laboratório de História Oral. UFSC. 2016.



PESAVENTO, Sandra Jatahy. A invenção da sociedade gaúcha. Ensaios. EEE, Porto Alegre, (14)2 383-396. 1993.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. Gaúcho: mito e história. Letras de Hoje. Porto Alegre, v.24, nº3, p.55-63, setembro de 1989.

PINTO, Céli Regina Jardim. Elementos para uma análise de discurso político. 2005.

PORTELLI, Alessandro. O massacre de Civitella Val di Chiana (Toscana 29 de junho de 1944): mito e política, luto e senso comum. In: AMADO, Janaína & FERREIRA, Marietta. (Coords.). Usos e abusos da História Oral. Rio de Janeiro: FGV, 1998, p. 103-130.

RODRIGUES, Luziane Patrício Siqueira Rodrigues. O poder da palavra. *A resistência como forma imanente da escrita*. Revista Philologus, Ano 19, nº 56. Rio de Janeiro: CiFEFil, maio/ago. 2013.

SEEGER, A. Etnografia da música. Revista Cadernos de Campo, nº 17, 2008.

SERBENA, Carlos Augusto. Imaginário, Ideologia e Representação Social. PPGICH. nº 52 Dezembro 2003. ISSN 1678-7730.

SILVA, Jéssica Carneiro da. Da análise da música como gênero textual e texto multimodal ao ensino de língua portuguesa. Graduando, Feira de Santana. v.4, n. 6/7, p. 49-60, jan. /dez. 2013.

SILVA, Kalina Vanderlei. SILVA, Maciel Henrique. TRADIÇÃO. In: Dicionário de Conceitos Históricos. - Ed. Contexto - São Paulo; 2006.

THOMAZ, Omar Ribeiro. A Antropologia e o Mundo Contemporâneo: Cultura e Diversidade. In: SILVA, Lopes da e GRUPIONI (orgs). A temática indígena na escola. Brasília: MEC/MARI/UNESCO, 1995.

ZALLA, Jocelito. A necessidade da desconstrução do machismo no universo regional. RIHU. nº 493, Ano XVI, 19/09/2016. p. 26-35.

Recebido em 19 de dezembro de 2016
Aceito para publicação em 18 de abril de 2017

